



ARTE! Brasileiros



NO CAOS. (RE)FUNDAR

Agenda Bienais São Paulo Veneza Manifesta Sur Global Dakar Feira 1:54 John Heartfield Barbara Kruger e Cartazes Políticos Seth Siegelaub Joseph Beuys Jorge Macchi Dora Longo Bahia Haroon Gunn-Salie Millôr Fernandes Gustavo Speridião Matheus Rocha Pitta Artista-curador Livros Christian Cravo Antonio Dias Nuno Ramos ARTE!Internacional maio junho 2016 número 34 www.brasileiros.com.br

BIENAL SÃO PAULO

A ARTE QUE SURGE DO DIÁLOGO

A 32ª EDIÇÃO DA BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, INTITULADA *INCERTEZA VIVA*, DESTACA PRODUÇÕES CRIADAS EM COLABORAÇÃO ESTREITA COM COMUNIDADES E GRUPOS CULTURAIS POPULARES, QUESTIONANDO NOÇÕES DE APROPRIAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E A DICOTOMIA CENTRO-PERIFERIA

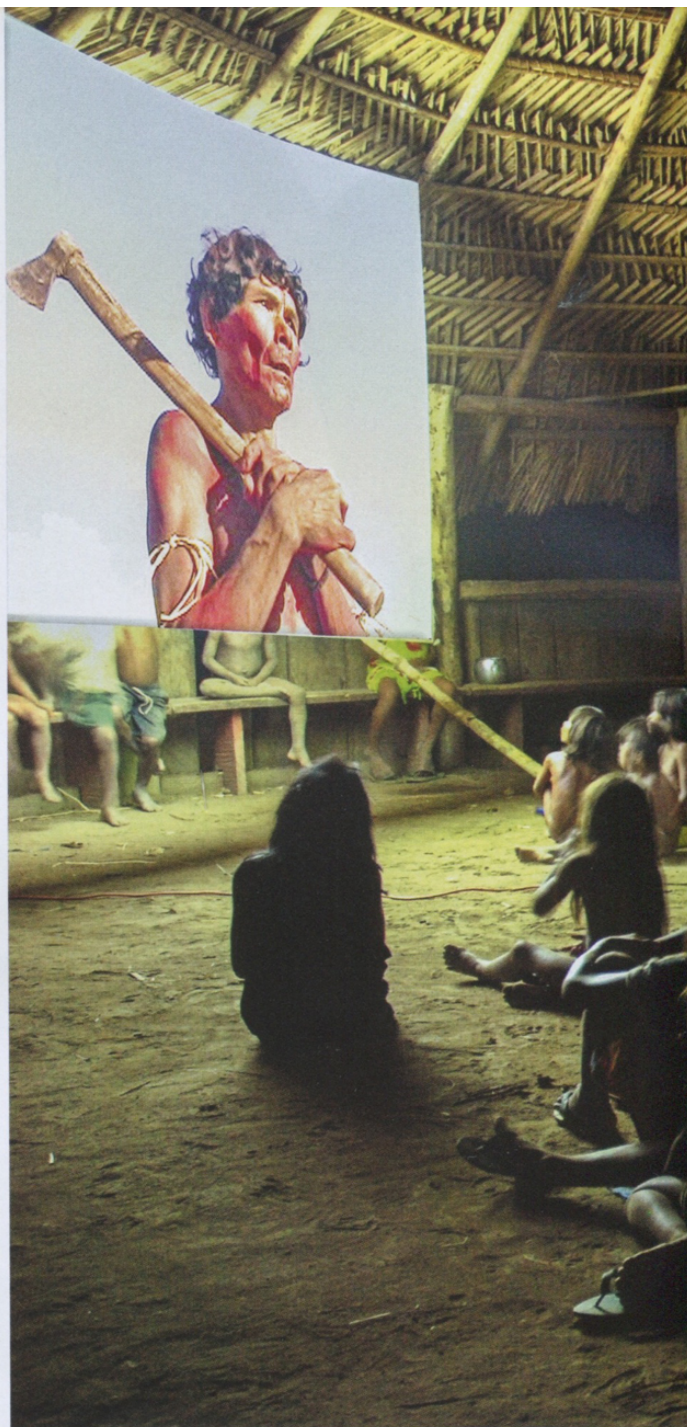
POR MARCOS GRINSPUM FERRAZ



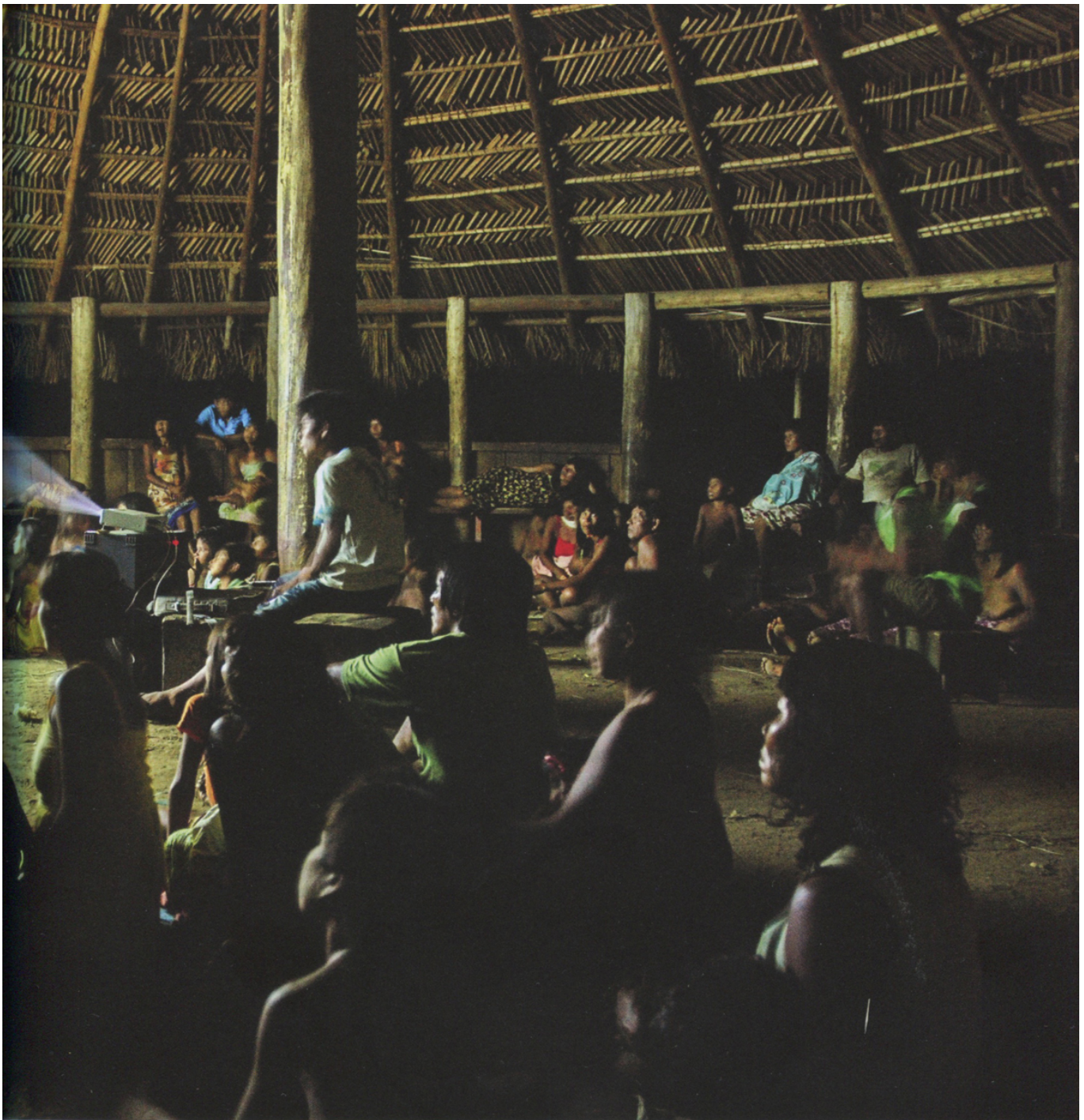
O DIRETOR INDÍGENA TAKUMÃ KUIKURO, DO VÍDEO NAS ALDEIAS, EM FILMAGEM NO PARQUE DO XINGU

FOTO VINCENT CARELLI

FOI NO ANO DE 1986 que o indigenista e cineasta Vincent Carelli realizou sua primeira experiência de produção audiovisual com os índios nambikwara, em Mato Grosso. Ao filmar a vida daquela população, ele poderia fazer apenas o que já era prática corrente no País havia décadas, ou seja, registrar os costumes de povos considerados “exóticos” e apresentar o resultado na TV, cinema ou em ambientes acadêmicos. O interesse do documentarista, no entanto, era outro. “A ideia era ver como os índios reagiriam ao se confrontar com a própria imagem, e ao se apropriar dela”, conta Carelli, que passou a exhibir e debater o que filmava com os habitantes locais, e não com os “homens brancos”. Mais do que isso, a vontade era que a prática se tornasse coletiva, e o cineasta logo passou a câmera para as mãos dos próprios índios. Hoje, 30 anos depois e consagrado, o projeto Vídeo nas Aldeias (VNA) já ajudou a formar dezenas de diretores indígenas pelo País e, junto a isso, a criar uma nova gramática cinematográfica. Um tanto surpreendente para o circuito da arte contemporânea - por ser visto por alguns como um projeto mais ligado ao meio acadêmico do que artístico -, o VNA é um dos escolhidos para expor na 32ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, intitulada *Incerteza Viva*, dentro de uma proposta da curadoria de apresentar produções criadas em diálogo estreito com comunidades, povos e grupos culturais populares de diversos cantos do mundo. Não se trata de arte política e engajada, no sentido tradicional, nem de trabalhos que procurem documentar a realidade, mas de práticas colaborativas que revelam outros modos de fazer arte, como explica o curador Jochen Volz. “Se alguns anos atrás existia a tendência do ‘artista antropólogo’, que queria mostrar outras culturas, acho que hoje é forte essa ideia de realmente participar. Não mostrar, mas estar junto, fazer junto”, diz Volz, referindo-se a uma série de trabalhos que estarão na Bienal - como os dos artistas Bárbara Wagner, Felipe Mujica e Cecilia Bengolea, entrevistados pela **ARTE!Brasileiros**.



Nesse sentido, o Vídeo nas Aldeias é um dos casos mais radicais, já que, mesmo que coordenado por Carelli e uma equipe, foi apropriado pelos índios e se tornou um cinema feito por eles mesmos. Segundo Carelli, a entrega da câmera subverteu a lógica tradicional, na qual o homem branco é quem vai estudar e falar sobre “o outro”. E ao mudar o ponto de vista, mudam também simbologias



PROJEÇÃO DE FILME REALIZADO PELOS ÍNDIOS NA ALDEIA PANARA DE NASIPOTITI, EM MATO GROSSO

FOTO VINCENT CARELLI

e temáticas: “No começo, eu fui com a ideia de fazer um trabalho de denúncia, político, mas os índios demonstraram um outro interesse, e se entusiasmaram em apresentar o que interessa a eles, as belas coisas, os seus tesouros culturais. Imediatamente eu entendi que a grande questão política de toda minoria é a questão identitária, que é cultural, de afirmação”.

Ao se apropriar da câmera e criar narrativas próprias, em geral construídas coletivamente nas aldeias, os índios passaram a desenvolver linguagens - de modo principalmente intuitivo, apesar das oficinas de formação comandadas por Carelli - e a fazer sua própria arte. “Mesmo que esses vídeos sejam peças de interesse etnográfico, acho que são essencialmente cinematográficas,



no plano artístico. Não é um vídeo relatório, de panfleto. É cinema”, diz Carelli. “E, quando eles assistem aos próprios filmes, superam finalmente aquela decepção que todo povo indígena enfrenta com o audiovisual, que é o da expropriação, da manipulação, da TV que omite o que era o mais importante para eles”.

DO BREGA AO DANCEHALL

Também discutindo processos de apropriação, colaboração, documentação e experimentação, a

fotógrafa e artista visual Bárbara Wagner tem chamado a atenção por suas pesquisas centradas em grupos e manifestações culturais aparentemente marginalizadas e em suas estratégias de visibilidade e subversão dentro da indústria cultural e de consumo. Em séries de fotos como *Brasília Teimosa* (2005-2007) - que adentra o universo “cafona” e “vulgar” dos frequentadores de uma praia recifense - e *Estrela Brilhante* (2008-2010) - que investiga o mundo do maracatu em Nazaré da Mata (PE) -, Wagner transita em ambientes e



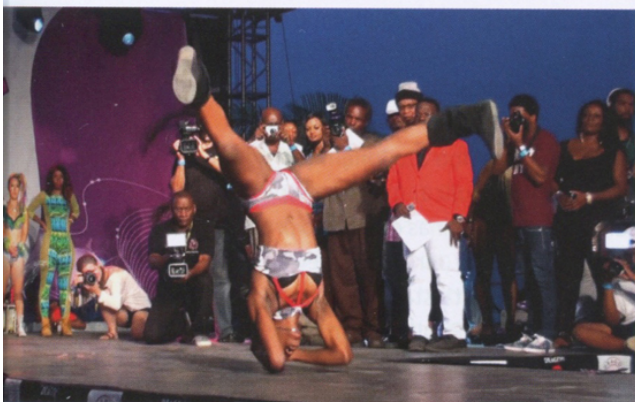
COMPETIÇÃO INTERNACIONAL DANCEHALL QUEEN (2013), EM MONTEGO BAY (JAMAICA), QUE SERÁ TEMA DO TRABALHO DE CECILIA BENGOLEA E JEREMY DELLER



NA PÁGINA AO LADO E ACIMA, CENAS DO VIDEOINSTALAÇÃO *ESTÁS VENDENDO COISAS* (2016), DE BÁRBARA WAGNER E BENJAMIN DE BURCA

estabelece diálogos na busca de não folclorizar ou exotizar “o outro”. Mostra, também, que muitas dessas culturas ditas “periféricas” não buscam mais a aprovação dos “centros” e que, subvertendo velhas dicotomias, chegam sem pedir passagem. Para a 32ª Bienal, a artista deve aprofundar sua pesquisa mais recente, em torno dos MCs de brega do Recife, e apresentar o inédito *Estás Vendendo Coisas*, feito em parceria com Benjamin de Burca. Assim como no caso do *Vídeo nas Aldeias*, a ideia não é apenas documentar ou se apropriar de

uma cultura alheia: “O que eu quero é estar dentro, conversar, entrar em acordos. Não se trata de ir lá, tirar um produto deles e deslocar para a Bienal”, diz Wagner. Nesse sentido, a artista relativiza uma ideia presente em diversos campos do conhecimento - das artes à antropologia, da arquitetura à política - de que se deve “dar voz aos marginalizados” e às suas manifestações culturais. “Eles têm controle da própria imagem e da própria voz, então para nós deve haver um processo de escuta e observação. E eu sempre me pergunto





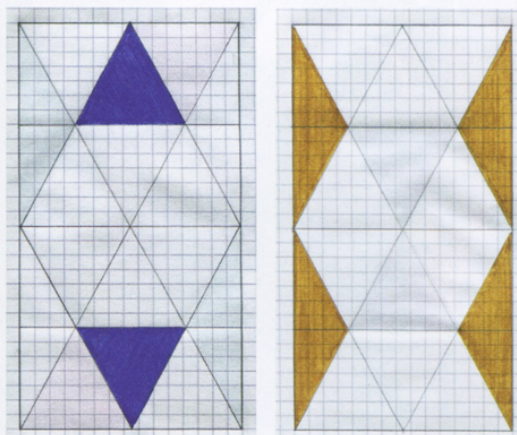
que contribuição eu posso dar para a documentação da produção cultural desses grupos, mas que seja de forma colaborativa”, conclui a artista. “É melhor dar voz do que esconder”, brinca Volz. “Mas acho que já podemos partir de outro patamar de discussão, sem essa ideia da cultura central ou periférica. É muito mais interessante pensar em uma rede que é horizontal, que permite que as coisas aconteçam em algum lugar e reverberem para toda a rede. Então se trata mais de ouvir, interagir e entender que a cultura engloba tudo isso”. Engloba, por exemplo, as competições de dancehall queen, na Jamaica, onde a dançarina argentina Cecilia Bengolea e o artista Jeremy Deller produzirão um vídeo para a Bienal. Coreógrafa e bailarina, Bengolea pesquisa e participa há anos da popular competição de dança jamaicana. Este ano, além de competir, produzirá com Deller um vídeo sobre o evento, uma mistura de documentário e ficção feita em diálogo com os dançarinos e outros personagens locais.

CORTINAS E COSTURAS

Ao apresentar projetos produzidos em diálogo estreito com comunidades e com questões da realidade concreta, a 32ª Bienal de São Paulo, que

acontece entre 10 de setembro e 11 de dezembro, busca também – “através da poética da arte”, segundo Volz – contribuir para discussões globais sobre economia, política, condições sociais e climáticas, entre outras. O título, *Incerteza Viva*, surge nesta linha, partindo da constatação de que “a incerteza é a condição em que todos nós vivemos”. Quem melhor do que os índios, por exemplo, para falar de incerteza? “Eles vivem a incerteza permanente”, diz Carelli. “A cada década há um redimensionamento de suas terras. É um ciclo neocolonial perpétuo.”

Com a proposta de se aproximar dessas questões contemporâneas, a mostra procura também trazer o público para perto do pavilhão da Bienal. “Essa arte feita em diálogo com as populações aproxima as pessoas da arte contemporânea, muitas vezes vista como algo tão longínquo”, diz o artista chileno Felipe Mujica, que participa da edição com uma série de cortinas que serão produzidas com as bordadeiras do Jardim Conceição, de Osasco, e os designers e estilistas Alex Cassimiro e Valentina Soares, de São Paulo. Assim como fez na Bienal de Cuenca (Equador) de 2014, quando criou seus trabalhos com as bordadeiras de uma oficina familiar de costura da cidade, Mujica quer,



ACIMA, ESBOÇOS DESENHADOS PELO ARTISTA CHILENO FELIPE MUJICA PARA AS CORTINAS QUE EXPÔS NA BIENAL DE CUENCA (EQUADOR), EM 2014. À ESQUERDA, AS BORDADEIRAS EQUATORIANAS NANCY E LAURA, QUE COSTURARAM OS TECIDOS, E AS CORTINAS PRONTAS, EXPOSTAS NO EVENTO

aqui, produzir em diálogo com agentes locais. Apesar de conhecido por suas cortinas - feitas com diferentes tecidos e desenhos geométricos -, o chileno não domina todo o processo de produção de sua obra, e faz disso não uma falta, mas uma possibilidade. "Eu não costuro, então me interessa também aprender com a pessoa que costura as cortinas. E aí sempre se produz um diálogo entre o que eu pretendo fazer e o que a pessoa propõe e diz que é possível", explica.

Em São Paulo serão cerca de 30 cortinas penduradas no pavilhão que, segundo Mujica, estarão posicionadas de modo a criar novos espaços e relações com a arquitetura do local. Ao dialogar com comunidades e ao chamar seus trabalhos artísticos de "cortinas", o chileno procura, justamente, se aproximar da vida real: "Tem gente que quer chamar de banners ou bandeiras, mas eu prefiro chamar de cortinas, porque me interessa que se mantenha essa noção doméstica, que se relaciona com a vida das pessoas". Para se relacionar mais concretamente com a realidade que pretende debater, a 32ª Bienal está promovendo também os Dias de Estudo - em Cuiabá (Brasil), Santiago (Chile), Acra (Gana) e na Amazônia Peruana - nos quais curadores, artistas e

outros envolvidos na produção do evento visitam comunidades locais, reservas ecológicas, centros culturais e estúdios de artistas.

Comissionando os trabalhos criados em diálogo com grupos culturais diversos, a Bienal mostra também coerência com o conceito que a norteia, de "incerteza viva", não só nos debates e temáticas que promove, mas nos próprios processos de produção das obras. Um trabalho feito em constante negociação com terceiros é também fruto do improviso e da experimentação, e não pode ter um resultado final preestabelecido, como explica Mujica. "Ao se trabalhar nesse diálogo com as pessoas, o resultado também é sempre incerto", afirma. Incerto, segundo Volz, pois criado em relação com a vida concreta, ela mesma imprevisível: "A arte nos permite criar narrativas, provocar questionamentos e reflexões, mas na verdade são reflexões que partem da vida real em suas várias dimensões". E ele conclui: "Isso tem a ver com entender que os níveis de conhecimento e abstração são múltiplos. E a polifonia entre comunidades indígenas, jamaicanas de dancehall, de artesãos e bordadeiras, de MCs de bregas e assim por diante, isso é o que nos interessa muito".